

## O MESTRE ANTÔNIO LUCAS CHAVES E A TESSITURA DA SUA REDE DE COMPADRIO NA CULTURA POLÍTICA DE SEU TEMPO EM BARBACENA

*Maria da Graça Menezes Mourão*

Especialista em História e Cultura de Minas Gerais

**Resumo:** *Através do diário pessoal de Antônio Lucas Chaves, - mestre da Instrução Primária no apogeu do Segundo Império em Barbacena, filho do ministro do Supremo Tribunal de Justiça e Conselheiro do Estado Antônio José de Carvalho Chaves, militar, português com altos cargos no Primeiro Império -, o artigo analisa o seu envolvimento com grupos politicamente coesos, pessoas gradadas barbacenenses e homens da Corte, evidenciando mecanismos comumente usados no século XVIII e XIX, como a formação de compadrio para obtenção de benesses e apoio social, desta forma construindo sua Cultura Política.*

**Abstract:** *Through the personal diary of Antônio Lucas Chaves, a teacher of primary education at the apogee of the Second Empire in Barbacena, son of the minister of the Supreme Court of Justice and Counselor Antônio José de Carvalho Chaves, a Portuguese military officer with senior positions in the First Empire - , the article analyzes its involvement with politically cohesive groups, people from Barbacena and men of the Court, showing mechanisms commonly used in the eighteenth and nineteenth centuries, such as the formation of compadrio to obtain benefits and social support, thereby building their Political Culture.*

### 1- A adoção do modo de pensar como Cultura Política

A partir de uma situação particular, Álvaro Araújo Antunes (2004) usando as premissas de Chartier (1994) para estudar o “universo relacional de um advogado setecentista” enunciou que os ‘os indivíduos produzem o mundo social, por meio de suas alianças e seus confrontos, através dos conflitos que os ligam ou dos que os opõem’ e ‘que as relações sociais equivaliam de certa forma, a um capital’.<sup>1</sup> Capital este, referindo-se àquele poder com o qual o indivíduo poderá

---

<sup>1</sup> ANTUNES.2004, p.19.

contar ao longo de sua vida com pessoas de prestígio, tal como uma economia ou poupança guardada para uso diante de uma necessidade.

Na extensão do mesmo assunto, Antunes (2004), citando Boudon (1995), mostra também que o estabelecimento destas redes e laços entre as pessoas favorece à circulação de ideias que promove o mecanismo do modo de pensar destas mesmas pessoas, ‘fazendo circular as informações que exprimem seus interesses, gostos, paixões e opiniões’.<sup>2</sup> Assim sendo, diante do pensamento desse historiador, prevejo que no convívio com estas mesmas ideias, encontra-se a formação da Cultura Política do indivíduo.

A Cultura Política como a ideologia dos homens públicos foi, desde muito foi assunto para os filósofos antigos. No horizonte da política clássica desde os estudos de Platão, Aristóteles e Sócrates, havia preocupação com a capacidade política dos cidadãos e o seu papel na sociedade.<sup>3</sup>

Roiz (2007) comenta ‘que o interesse dos historiadores pela Cultura Política deve-se ao fato de permitir reconstituir o comportamento político de indivíduos e grupos, tendo em vista suas próprias representações e visões de mundo, com as quais definiriam suas memórias, vivências e sensibilidades’. De modo geral, este conceito ‘permitiria circunscrever o sistema de representações, com os quais, de modo complexo (e às vezes imprevisto), indivíduos e grupos demarcam seus projetos e iniciativas’.<sup>4</sup>

Na atualidade são inúmeros os estudos no campo da Cultura Política desenvolvidos por Debrun (1989). Correspondendo à Cultura Política de um determinado grupo, há um estágio que ele define como “ideologia primária”. Esta se constituiria de ‘grupos de indivíduos vivendo suas experiências políticas e elaborando suas conclusões’, que corresponde ao ‘conjunto de atitudes e orientações dos cidadãos em relação aos fenômenos políticos’.<sup>5</sup> Assim, as ideologias primárias seriam aquelas engendradas ‘na práxis imediata dos atores, particularmente a dos atores dominantes’ cujos ‘novos significados se internalizam nas práticas sociais’.<sup>6</sup>

No Brasil, um dos primeiros passos a respeito da Cultura Política, teve início no final do século XX, com Rodrigo Patto Sá Motta (2000), quando também um grupo de historiadores franceses empenhava-se na apropriação deste conceito.<sup>7</sup> Como a Cultura Política envolve um campo conceitual muito fértil, Motta o expôs segundo as potencialidades a que estes formuladores franceses se inspiraram, baseando-se principalmente em Tocqueville, que desenvolveu a ideia

---

<sup>2</sup> Boudon, in ANTUNES, 2004, p.28

<sup>3</sup> BAQUERO, 2001, p. 4.

<sup>4</sup> ROIZ, 2008

<sup>5</sup> DEBRUN, 1989, p. 175.

<sup>6</sup> DEBRUN, 1983, p. 19.

<sup>7</sup> MOTTA, 2000.

de que ‘a força da organização política dos norte americanos derivava não somente das instituições, mas tinha relação com os hábitos e costumes daquele povo, o que ele chamou de hábitos de coração’.<sup>8</sup>

Portanto, se a força de uma organização política reside nos “hábitos de coração”, ou seja, naquilo que costumemente um povo sente a respeito, a Cultura Política reside na vivência de pessoas que favorece à circulação de ideias fruto do mesmo modo de pensar de um determinado grupo expresso pelos seus ‘interesses, gostos, paixões e opiniões’, caracterizando assim, segundo Boudon, como ‘um feixe de discursos, a atividade política de uma comunidade’.<sup>9</sup>

Mas, o uso da categoria Cultura Política não deve ser visto como um esquema classificatório, e sim como ‘um método de análise de certo grupo, tentando articular um modelo de interpretação da sua rede de crenças’. Assim, a inserção a respeito da Cultura Política neste artigo – e é aí que se insere a presente análise – é contribuir para explicar o comportamento do Mestre Antônio Lucas Chaves, destacando ‘a forma como os valores culturais são componentes endógenos da tomada de decisão’.<sup>10</sup>

## 2- O mundo político da época

A análise de parte do conteúdo do diário do professor barbacenense Mestre Antônio Lucas Chaves denuncia sua práxis vivida entre os barões do Império e a sua conseqüente desilusão política vivenciada como homem público. Com o devido cuidado a não reduzir todas as suas relações com pessoas gradas e da Corte, a um jogo de interesses, apoio-me nas referidas citações teóricas, procurando desvendar a constituição da ideologia política deste homem, que segundo cita o Almanaque Administrativo, Civil e Industrial da Província de Minas Gerais, nos anos 1864 (pág. 47) e 1874 (pág. 504 e 546), o referido se encontrava na Instrução Primária em Barbacena, Minas Gerais.

Muito embora, presumindo que o seu pai Conselheiro Antônio José de Carvalho Chaves também praticasse o compadrio pelos cargos políticos exercidos no Primeiro Império e que fosse exemplo para Antônio Lucas Chaves, o mestre barbacenense procurou inserir ou consolidar suas amizades em redes sociais compostas por uma clientela de prestígio e de profissão. Tessituras estas que se organizavam e se moldavam, segundo as formas de sociabilidade no apogeu do Segundo Império (1850-1870), como também no início da sua queda.

O conhecimento da personalidade do Mestre Antônio Lucas Chaves e suas interpretações a respeito da vida política de seu país possibilitam

---

<sup>8</sup> Formisiano, 2001:393-426 .In MOTTA, p.15.

<sup>9</sup> Boudon, in ANTUNES, 2004, p.28.

<sup>10</sup> RENNÓ, 1998, p. 86.

compreender a práxis política deste tempo, a partir do seu diário, escrito desde data incerta, pois faltam páginas, até o dia 22.03.1870.

No entanto, as lamentações das páginas analisadas não deixam nenhuma dúvida quanto à predição do fim da Monarquia pelo Mestre Antônio Lucas Chaves, cuja crise (1870-1889) é deflagrada em 3.12.1870, com a publicação do Manifesto pelo jornal “A República”.

O Brasil, de regime monárquico, era visto como uma anomalia na América, tendo em vista serem republicanos todos os países à sua volta. E uma mesma proposição norteava a direção do pensamento com relação aos homens que formaram o quadro da República, pois muitos conjugavam a ideia anunciada no Manifesto Republicano de 1870.

Todos comungavam a mesma ideia, liberais, republicanos e conservadores, segundo observou em 1882, o liberal Martinho Campos. Para ele ‘são duas coisas muito parecidas – um liberal e um conservador – e podia mesmo acrescentar-se um republicano, porque têm todos os mesmos ares de família. Vivemos às mil maravilhas na mesma canoa e não temos dificuldades quanto às opiniões’.<sup>11</sup>

Quando a República se dá em 1889, a proclamação é considerada como uma concretização popular levada a efeito por um grupo de homens idealistas e corajosos que conseguiram integrar o país nas tendências do século.<sup>12</sup>

### **3-As origens do Mestre Lucas Chaves**

Antônio Lucas Chaves nasceu na cidade de Cuiabá, Mato Grosso. Era filho do português Conselheiro Antônio José de Carvalho Chaves que como militar, serviu em Moçambique em 1802. Retornando a Portugal, formou-se em Leis pela Universidade de Coimbra, conforme carta de Bacharel datada de 23.11.1809. Viajou para o Brasil, ao ser nomeado juiz de fora da Comarca de Cuiabá pelo decreto de 13.05. 1811. Através do alvará de 4.02.1812, tornou-se Provedor da Fazenda dos Defuntos e Ausentes, Resíduos e Capelas e havendo bem desempenhado o cargo, foi a ele reconduzido com o predicamento do primeiro banco, em decreto de 13.03.1815. Foi presidente da Junta Provisória da Província do Mato Grosso (1822-1823) e ministro do Supremo Tribunal de Justiça e Conselheiro do Estado no Império. Pela resolução de 6.08.1821, tomada sobre consulta da Mesa do Desembargo do Paço, veio a ser Desembargador da Relação da Bahia.

Emília Viotti Costa (1999) aponta que a primeira tarefa dos homens que assumiram o poder depois da Independência foi substituir as instituições coloniais

---

<sup>11</sup> JAVARI, 1962, p.196.

<sup>12</sup> COSTA, in Anais do Museu Paulista, no.18, SP, 1964.

por outras mais adequadas a uma nação independente. Não se tratava de homens inexperientes que enfrentavam pela primeira vez problemas relacionados com política e administração. Eram na maioria, homens de mais de cinquenta anos, com carreiras notáveis de servidores públicos, que haviam desempenhado vários cargos a serviço da Coroa portuguesa durante o período colonial, e por isso, estavam bem preparados para levar a cabo sua missão.<sup>13</sup>

Assim, Antônio José de Carvalho Chaves era um experiente político que viria a constituir uma carreira notável. Após a Independência, no cargo de Ouvidor durante o Governo Provisório, na 2ª. junta de Cuiabá, ele foi nomeado presidente da Província do Mato Grosso, assumindo o cargo em 20.09.1822 e dele saindo em 30.07.1823, quando veio para o Rio de Janeiro.

Na Corte Imperial no Rio de Janeiro, o pai do Mestre Antônio Lucas Chaves por decreto de 2.08.1826, foi agraciado por D. Pedro I com o grau de Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro. Em 12.10.1827, passou para a Casa da Suplicação como Desembargador Ordinário e de Agravos. Em decretos de 12.10.1827 e em 18.10.1829, foi nomeado Corregedor do Crime da Corte e Casa. Com a extinção da Casa da Suplicação ficou pertencendo à Relação do Rio de Janeiro, conforme foi declarado em portaria de 11.03.1833 do Ministro da Justiça e com o foro de Fidalgo Cavaleiro, em decreto de 18.01.1830. Neste mesmo ano, recebeu o Oficialato da Ordem da Rosa, em decreto de 17 de outubro.

Através de Decreto de 15.09.1842, Antônio José de Carvalho Chaves foi nomeado Ministro do Supremo Tribunal de Justiça na vaga proveniente do falecimento de Euzébio de Queiroz Coutinho da Silva, tomando posse em 27 do mencionado mês. Através de D. Pedro II, recebeu o título do Conselho, em carta de 26.09.1842.

Em 14.10.1843, por escritura pública, Antônio José de Carvalho Chaves, tornou-se efetivo no cargo de ministro do Supremo Tribunal de Justiça e Conselheiro do Estado. Faleceu no Rio de Janeiro em 1847, deixando sua aposentadoria em seu testamento a seu filho o Mestre Antônio Lucas Chaves.<sup>14</sup>

A respeito do pai, o Mestre Antônio Lucas Chaves de Carvalho escreveu em seu diário que ele morreu em 22.07.1847 e foi sepultado na Fazenda de Nossa Senhora da Conceição da cidade de Niterói no Rio de Janeiro. Nasceu em Condeixa, Bispado de Coimbra, na Província de Beira, Reino de Portugal, filho legítimo do Doutor José Manoel Chaves e de D. Maria de Carvalho Chaves, já falecida nesta data. Fez o seu testamento a 27.01.1846, na mesma cidade, aprovado pelo Tabelião João Pinto de Miranda, da Corte do Rio de Janeiro. Perfilhou filhos legítimos a Antônio Lucas Chaves, Luiz Antônio Chaves e

---

<sup>13</sup>COSTA, 1999, p.131.

<sup>14</sup> MOURÃO, Revista da ASBRAP-nº 14-2008, p.71.

Antônio Elias Maria Chaves, todos filhos da cidade de Cuiabá na Província de Mato Grosso'.<sup>15</sup>

A seu próprio respeito, o Mestre Antônio Lucas Chaves escreveu em seu diário que era casado desde 21.07.1834 na Vila do Patrocínio, termo de Araxá com D. Joaquina Eufrásia de Matildes Chaves, filha legítima de Bento José da Silva e sua mulher Ana Eufrásia de Matildes, nascida a 07.07.1823 e batizada na capela do Faria da Freguesia da cidade de Barbacena. E que faleceu em 25.06.1867 pelas 5 horas e ½ hora da tarde, sábado de N. Senhora. Teve 20 partos, tendo a idade de 38 anos e sete dias.<sup>16</sup>

#### **4-A tessitura da rede de compadrio do Mestre Antônio Lucas Chaves**

Antônio Lucas Chaves teve dezesseis rebentos, tendo vingado somente as filhas com as quais viveu até o final de seus dias. A partir dos apadrinhamentos dos batismos de sua prole, pode-se analisar a rede de compadrio tecida por ele, o que era costume nas Minas Gerais desde os tempos coloniais, mais conhecidamente entre os escravos, segundo os repertórios acadêmicos. É justamente nessa rede que se desenvolve toda a trama de sua vida.

As investigações sobre compadrio na população livre são raras e, no que diz respeito às elites políticas, só muito recentemente começaram a serem realizadas, principalmente em se tratando do século XIX. A fonte que ora temos em mãos – instrumento para identificação da cultura política e ou ideologia – pode conter indícios que apontam aspectos cristalizados no Mestre Antônio Lucas Chaves.

Renato Venâncio e outros (2006) analisaram em um artigo, os laços políticos e sociais estabelecidos através do “sacramento do batismo” entre os membros da elite de Vila Rica no século XVIII. Nesse estudo, usa-se como hipótese central, a de que na ‘sociedade da época, a noção de “prestígio” vinculava-se à capacidade de dispor de recursos - fossem eles pessoais ou do aparelho de Estado -, gerando assim uma “economia de favores”, de dom e contra dom; em outras palavras, de reciprocidade social envolvendo desiguais. Ao benfeitor cabia conceder e ao beneficiado cabia ser fiel, não sendo esse gesto visto como um desvio da “norma”, mas sim como sua corporificação’.<sup>17</sup>

A julgar pelas escolhas feitas pelo Mestre Antônio Lucas Chaves, a prática do compadrio tornou-se comum também no período imperial quando certamente era usada para fidelização de apoio partidário. Nas anotações de seu diário, ele relaciona os nascimentos de seus filhos, com os respectivos padrinhos

---

<sup>15</sup> Manuscrito: Curiosidades-1823, p. 49, ICMCN.

<sup>16</sup> Manuscrito: Curiosidades-1823, p.49, ICMCN

<sup>17</sup> VENÂNCIO e outros, 2006.

estendendo esse registro também à crisma, o que favorece ainda mais o encontro dessa particularidade ainda no século XIX.

A terceira filha do Mestre Antônio Lucas Chaves, Maria Eufrásia de Chaves, nascida em 26.06.1838 teve como padrinho, o Conselheiro José Cesário de Miranda Ribeiro e como madrinha a viúva D. Maria, irmã de João Gualberto Teixeira de Carvalho, importante personagem do cenário político de Barbacena, irmão do Juiz Ordinário Pedro Teixeira de Carvalho que pertencia à rede de relacionamentos dos importantes irmãos Andradas da política imperial brasileira.

O Conselheiro José Cesário de Miranda Ribeiro, Visconde de Uberaba - muito amigo do pai do Mestre Lucas Chaves que o visitou quando retornava de Cuiabá em 1823 - tornou-se em 1821, bacharel em leis pela Universidade de Coimbra e chegou a Ministro do Supremo Tribunal de Justiça. Foi Presidente da Província de São Paulo em 1836 e de Minas Gerais em 1837, representando-a na Corte Portuguesa em 1821-1822 e na Assembleia Geral nas legislaturas de 1826 a 1844, quando foi nomeado Senador pela Província de São Paulo e Conselheiro de Estado em 1842.

Após a Independência do Brasil em 1822, quando se destacou a figura de José Bonifácio de Andrada e Silva, Barbacena se fez presente também através do P<sup>o</sup>. Manoel Rodrigues da Costa, um dos inconfidentes de 1789, que se firmou como principal líder político da região. Este padre se ligava por parentesco aos Sá Fortes e Bustamante, família esta, por sua vez, ligada aos citados Teixeira de Carvalho.

Quando Dom Pedro I dissolveu a Assembleia Nacional Constituinte, no episódio conhecido como "Noite da Agonia", o P<sup>o</sup>. Manoel Rodrigues da Costa voltou para Barbacena. Após a outorga da Constituição de 1824 foi eleito deputado para a primeira legislatura da Câmara Federal. Porém, por motivos pessoais, renunciou ao cargo e voltou para Barbacena. Somente em 1834, com o Ato Adicional, Barbacena voltou a eleger representantes para a Câmara Federal e a contar com elementos na Assembleia Provincial, como o bacharel Antônio Joaquim Fortes Bustamante.

Toda esta plêiade de políticos citados fazia parte do convívio do Mestre Antônio Lucas Chaves, conforme se vê nos apadrinhamentos que seguem:

*Lydia Eufrásia de Chaves nasceu a 16.01.1848 pela 1 hora e meia da tarde, foi batizada a 03 de fevereiro do dito ano; Padrinhos **Antônio Teixeira de Carvalho** e D. Francisca mulher do seu tio Antônio José da Silva Paiva.*

*Lauro Antônio Chaves nasceu a 29-MAR-1855 em uma 5<sup>a</sup>. feira as 9 horas do dia e foi batizado no sábado 14.04 pelas 4 horas da tarde pelo Padre Joaquim Barbosa, sendo seus*

*padrinhos Pedro Teixeira de Carvalho e D. Marciana mulher do comandante Antônio Teixeira.*

*Minervina Eufrásia de Chaves nasceu a 21.10.1865 pelas 2 horas e meia da madrugada do dito dia; batizou-se a 29 do dito mês e ano. Padrinhos Carlos de Sá Fortes e D. Ana, irmã de João Gualberto (Teixeira de Carvalho).<sup>18</sup>*

Além das famílias citadas, surgiram duas outras que monopolizaram a cena política na região barbacenense, ligados ao Partido Liberal. Trata-se dos Ferreira Armond, encabeçada por Mariano José Ferreira Armond, eleito em 1835 para a Assembleia Provincial e os Oliveira Pena, pelo Comendador João Fernandes de Oliveira Pena, antigo capitão-mor da localidade, eleito também para as legislaturas de 1840, 1842 e 1844.

O Mestre Antônio Lucas Chaves escolhe como padrinhos de sua sétima filha, Amélia Eufrásia Chaves, nascida em 31.05.1842 e batizada em 10.05.1842, o Dr. Camilo Maria Ferreira Armond e sua mulher D. Josefina Camila Gomes de Souza. Posteriormente, Adelinda, crismada em 16.12.1851, teve como madrinha D. Gertrudes, filha de José Gonçalves Gomes Souza e serviu neste ato por procuração da mesma, D. Josefina, mulher do doutor Camilo Maria Ferreira Armond.

O Dr. Camilo Maria Ferreira Armond era filho do primeiro Barão de Pitangui, Marcelino José Ferreira Armond, nascido em Barbacena em 1786. Na nobiliarquia do Império foi Barão de Prados, Visconde e depois Conde de Prados quando se tornou médico do Imperador. Nascido em Barbacena, estudou no Caraça, partindo em 1832 para a França onde concluiu Medicina em 1837. Regressando ao Brasil em 1838 clinicou até 1851. Foi um dos chefes do movimento revolucionário de 1842, na Província de Minas sendo preso e mais tarde anistiado. Elegeu-se para a Assembleia Provincial em 1846, e em 1848 para a Câmara Federal.

Após a Revolução Liberal de 1842, Barbacena e região cresceu sob a influência do Partido Conservador, despontando um jovem médico, filho de Feliciano Coelho Duarte e Dona Constança Emídia Duarte Lima, proprietários da Fazenda da Borda do Campo. José Rodrigues de Lima Duarte e sua mulher aparecem também na rede de compadrio formada pelo Mestre Lucas Chaves.

*16°. Filha- Rosária Maria Eufrásia Chaves nasceu a 12.09.1860 pelas 6 horas e 3 horas e ¾ do dia domingo; e foi batizada a 03.10.1860; seus padrinhos foram Dr. José*

---

<sup>18</sup> Manuscrito: Curiosidades-1823, p.49, ICMCN

*Rodrigues Lima Duarte (1826-1896) e sua mulher D. Carlota de Lima Duarte em Barbacena.*

Adelaide Feliciano Lima Duarte, casada com Antônio Carlos Ribeiro Andrada, filha de Feliciano Coelho Duarte e de Constança Emília Duarte Lima, portanto sobrinha de José Rodrigues de Lima Duarte tornou-se também madrinha de crisma de Rosária Maria Eufrásia Chaves em 28.10.1861.

Nascido em 1827, José Rodrigues de Lima Duarte, chegou à Barbacena, já formado, por volta de 1850. Apesar das tendências conservadoras do pai, o futuro Visconde de Lima Duarte aproximou-se do Conde de Prados, que lhe deu apoio profissional e, também, o estimulou a entrar na vida pública. Foi eleito deputado provincial de 1852 a 1860, de maneira ininterrupta. Em 1860, inclusive, acumulou os cargos de Deputado Provincial e de Deputado à Câmara do Império, pois foi eleito suplente e, nos períodos de afastamento do titular, ocupava a cadeira. Dentro do Partido Liberal, após 1870, passou a ocupar o lugar do Conde de Prados como principal liderança da região. Chegou a ser indicado três vezes ao Senado Imperial, sempre como o mais votado dentro das listas tríplices que eram submetidas ao Imperador. Finalmente, foi escolhido Senador do Império em 1884. Anteriormente, em 1880, fez parte, a convite do Imperador, do Conselho de Ministros, ocupando a Pasta da Marinha de Guerra, no Gabinete Ministerial do Conselheiro José Saraiva. O convite foi feito em função de sua destacada liderança e apreço popular como chefe do Partido Liberal na província. Em 1884, com sua entrada para o Senado, foi eleito para a Câmara do Império o seu cunhado Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, paulista nascido em Santos, que veio para Barbacena na década de 1860 por motivos de saúde, aqui se casando com a irmã do futuro Visconde de Lima Duarte. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, irmão de José Bonifácio e de Martim Francisco (II) foi eleito Deputado Geral em 1881, no lugar do Visconde de Lima Duarte, e reeleito em 1885. Porém, em função de suas tendências republicanas, exacerbadas pelo seu gênio intempestivo, retirou-se da vida pública em 1886, afastando-se do Partido Liberal.

Além de toda essa rede de compadrio, o Mestre Antônio Lucas Chaves deixou enumeradas outras pessoas com as quais ele mantinha relacionamento, a saber:

**-José Simpliano de Teixeira Barreto** – dono de uma fábrica de selins em Barbacena, no final XIX.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> MRSJDR- Marcelina Angélica de PADILHA (testador)-1829/30- BARRETO, José Simpliciano de Souza (testamenteiro). **Informatização Livros de Testamento** Testador/Capela.

-**Francisco José Lepage** - major ajudante de ordens do Comando Superior da Guarda Nacional da Comarca de Barbacena em 1893, imigrante italiano.<sup>20</sup>

-**João Vidal Barbosa Câmara**- Descendente do médico conjurado Domingos Vidal Barbosa Lage (1761-1793), destacado nos autos, porque chegou a transferir-se de Montpellier para o curso médico de Bordeaux, com o objetivo de preparar esta cidade para receber as exportações brasileiras, após a independência prevista pela conjuração. Voltou para Minas em setembro de 1788 e logo foi para Vila Rica. Tinha 28 anos de idade quando foi preso como Inconfidente, em 1789. Nos autos, confessou seu conhecimento das articulações na França para conseguir o apoio dos Estados Unidos ao movimento, através do embaixador americano Thomas Jefferson. Em 1787, quando retornava de Montpellier para Coimbra, na companhia do professor José Joaquim Maria Viagrou, encontrou-se com Jefferson, em Nimes. Também foi acusado de ter, na viagem de volta ao Brasil, discutido com o advogado José Pereira Ribeiro, que voltava de Coimbra, sobre o livro proibido do abade Raynal, História Filosófica e Política. Condenado à morte, sua pena foi comutada para degredo no Arquipélago de Cabo Verde, onde morreu em 1793.

-**Joaquim Rodrigues de Araújo**- primeiro Barão de Pirassununga.

-**Francisco José de Oliveira Fortes** - Pai de Crispim Jaques Bias Fortes, governador na primeira república.

-**Joaquim Carlos de Figueredo**- Vereador da Câmara da cidade imperial de Ouro Preto.

-**Rodrigo José Ferreira Bretas** (1814-1866)- um dos famosos irmãos Bretas de Ouro Preto e como Antônio Lucas Chaves, professor de Primeiras Letras. Foi o primeiro biógrafo de Aleijadinho, cujo texto intitulava-se Traços biográficos relativos ao finado Antônio Francisco Lisboa, distinto escultor mineiro, mais conhecido pelo apelido de - Aleijadinho; bem como o pequeno estudo Aleijadinho (Esboço biográfico).A publicação original do dera-se em 1858, nas páginas do Correio Oficial de Minas, n°s 169 e 170.

-**João Inocêncio de Faria Alvim**- tio de Alphonsus Guimarães e irmão de José Cesário de Faria Alvim, o primeiro presidente da Província de Minas Gerais.

-**Antônio Fernandes Fábregas** - professor de Primeiras Letras no Colégio em Sabará e Luminárias, Minas Gerais.

- **Antônio Pedro Pinto**-Professor de Primeiras Letras em Vila do Presídio.

-**Pe. João de Sousa Godinho** - Vigário do Rio Preto e Professor de Primeiras Letras.

-**Francisco de Paula Camilo** - morador em Chapéu d'Uvas. Nascido em 26.08.1830 em Barbacena, onde iniciou seus estudos. Seu pai, Francisco de Paula

---

<sup>20</sup> ANDRADA, 2006, pág.21.

Camilo Araújo, além de fazendeiro em Chapéu de Uvas, era político em Barbacena, onde foi líder da Revolução Liberal de 1842.

**-Francisco Galdino da Costa Cabral-** Juiz Municipal em Barbacena, falecido em Ouro Preto.

A lista dos relacionamentos do Mestre Antônio Lucas Chaves continua citando homens como, ‘Mariano Procópio Ferreira Lage; Joaquim Procópio d’ Araújo de Juiz de Fora; Urbano Ferreira Alvim; José Leopoldo Gonçalves; Luís Portilho; Dr. Caetano Herculano da Silva Pereira; P<sup>o</sup>: Manoel Fernandes Fraga; Manoel Muniz d’Azevedo Rangel de S. João del Rei; Francisco d’Assis Fortes Rangel da Vila de São José Tiradentes; Joaquim José dos Reis da Vila de Pomba; Domingos José da Silveira; Antônio Rodrigues da Fonseca; Francisco Rodrigues de Paula da Fazenda Pão d’Angu no Rio do Peixe; Tibúrcio d’Araújo Lima do Espírito Santo; Dr. Luiz Antônio Chaves, seu irmão, morador no Piraí- Rio de Janeiro; Manoel Ferreira de Faria- Rio de Janeiro; Belmiro Ferreira Pais; João da Costa dos Anjos tabelião na vila do Patrocínio; Francisco Rosa Campos de Formiga; José Antônio Alves de São José del Rei; Pe. Antônio de Sousa Braga - morador em O. Preto; Dr. José Marçal dos Santos; Manoel José Monteiro Amarante-RJ; Elisa Adelaide Perdigão Amarante- RJ; Dr. Marcelino d’Assis Fortes- Juiz de Fora; Joaquim Ferreira- São Tiago (morador em Oliveira); Antero José Lage Barbosa de Juiz de Fora, Dr. Caetano Ferreira da Silva Pereira, Francisco d’ Assis Fortes Rangel-Arraial da Lage’.

O diário do Mestre Antônio Lucas Chaves aponta também que ele tinha uma vida social no Império, relativamente muito intensa:

*No dia 18 de junho (1861) parti para Juiz de Fora na Comissão da Câmara; no dia 24 foi o Beijamão na casa do Vale Amado e sua Majestade Imperial dignou-se a aceitar a comissão com agrado e prometeu de vir a Barbacena em abril de 1863. [...] No dia 26 de junho fiz entrega dos meus papéis a Ministro da Justiça para ser entregue a S. M. Imperial pedindo sentença ou benefício pelos serviços de meu falecido pai que ele legou-me em testamento. O Sr. Barão de Pitangui ficou encarregado de procurar a resposta. Não consegui a boa resposta e já recebi os documentos faltando a cópia do testamento e o requerimento.<sup>21</sup>*

*No dia 3 de novembro de 1861 houve a Eleição para 6 Deputados Provinciais Mineiros, eu fui nomeado secretário*

---

<sup>21</sup> ICMC- Diário do Mestre Lucas Chaves, p.124.

*e concluiu-se a eleição no dia seguinte, dia 4. Neste mesmo dia 3 o Dr. José Rodrigues Lima Duarte deu um esplêndido jantar a seus amigos; eu me achei nesse jantar, bem como grande número de pessoas gradas desta cidade.<sup>22</sup>*

À medida que os anos passam sua vivência entre os importantes do Império sediados em Barbacena e no próprio dia a dia como indivíduo envolvido na vida pública, o fazem emitir opiniões em seu diário, refletindo a sua mudança de postura, como também observador de muitas irregularidades:

*No dia 5 de maio principiou a Sessão ordinária da Câmara do 3º. Turno que não se fez em abril; tem havido muito expediente e bem oneroso; acho-me presidindo esta sessão e muito tenho me arrependido de ter ido a estas sessões: os empregos públicos servem para pessoas de boa fortuna e que possam ser independentes, ao contrário, é uma Burla a Legislação...<sup>23</sup>*

A vida de Mestre Antônio Lucas Chaves foi uma sucessão de ocupações públicas, além de professor de Primeiras Letras e do Colégio em Barbacena. Em 4.09.1862 recebeu o diploma de 4º. Suplente de Delegado de Polícia, do qual tomou posse em 27.04.1863.

*[...] Fui membro da Comissão do Relatório do Fil. de Orçamento de 63 a 64 e Revisor de C. de Proc. da Comissão a onde estranhei o não por os números dos Talões e Guias dos Distritos de fora e achei irregularidades; principalmente no Talão de Joaquim Francisco Pereira de Andrade e fiz emendas no Talão deste...<sup>24</sup>*

*No 7 de setembro de 1863 houve eleição para três deputados a Assembléia Geral fui secretário nesta mesa; e saíram deputados Barão de Prado, Dr. José Roiz Lima Duarte e o Conselheiro Cristiano Benedito Otoni com 39 votos cada um,*

---

<sup>22</sup> ICMC- Diário do Mestre Lucas Chaves, p.125 v.

<sup>23</sup> ICMC- Diário do Mestre Lucas Chaves, p.126.

<sup>24</sup> ICMC- Diário do Mestre Lucas Chaves, p.128.

*sendo este o número de eleitores neste Colégio e concluiu-se no dia 8 pelas 4 horas da tarde .<sup>25</sup>*

O Mestre Antônio Lucas Chaves mostrou-se engajado e leitor de livros que certamente vão apurando-o como um liberal republicano:

*No dia 22 de dezembro de 1866 acabei de ler a história da revolução da França por Lamartine – dos Girondinos. Copiei alguns trechos desta história sanguinária.<sup>26</sup>*

Ele lia, portanto, o que mais recentemente chegava da Europa, cujo assunto estava na boca dos jovens da época, como confirma Joaquim Nabuco falando de si em Minha Formação:

*As palavras de um Crente de Lamennais, a História dos Girondinos de Lamartine, o Mundo Caminha de Pelletan, os Mártires da Liberdade de Esquiros eram os quatro Evangelhos da nossa geração [...] Lia de tudo igualmente. O ano de 1866 foi para mim o ano da Revolução Francesa: Lamartine, Thiers, Mignet, Louis Blanc, Quinet, Mirabeau, Vergniaud e os Girondinos, tudo passa sucessivamente pelo meu espírito; a Convenção está nele em sessão permanente.<sup>27</sup>*

Os trechos anotados em seu diário pelo Mestre Antônio Lucas Chaves durante a leitura de Lamartine (1851)-na maioria a respeito do despotismo, bem mostram as marcas das vicissitudes da sua vida. A sua prática política foi impondo à sua personalidade a formatação final da sua ideologia.

*La nécessité d'une révolution pour apprendre à l'home ses devoirs est une systeme ancien et funeste qui produit les plus grand maux des la Societé: Le decri ou il a fait tomber la raisom chez le plus grand nombre des homes, rend le crime des legislatureurs mystiques presque irreparable. <sup>28</sup>*  
*[...] Tous les principes d'une gouvernement sont près dans la nature de l'home et de la planete qu'il habite ; il est fait pour*

---

<sup>25</sup> ICMC- Diário do Mestre Lucas Chaves, p.131.

<sup>26</sup> ICMC- Diário do Mestre Lucas Chaves, p.146.

<sup>27</sup> LAMARTINE.1851

<sup>28</sup> ICMCN- Diário do Mestre Lucas Chaves, p.107.

*la terre, como une Republique, et un theocratie sont faites pour le ciel e como le despotisme est fait pour les enfers... D<sup>o</sup>. Pg.231 .<sup>29</sup>*

Alphonse de Lamartine (1790-1869) criticava o radicalismo revolucionário e enfatizando o caráter reformista da Revolução Francesa mostrou as transformações ocorridas na sociedade. O escritor afirmava que ‘o caminho da liberdade poderia ser alcançado sem a radicalização, tal como a ocorrida no período do Terror e exortava a construção de uma paz social, alicerçada na condução das massas pela elite burguesa’.<sup>30</sup>

As decepções encontradas entre aqueles de prestígio que ao longo da vida pudesse contar, levam-no a perder a crença nos homens.

*No dia 7.11.1868 fui a Coletoria levar 84.600 réis de cobranças que eu fiz, porém o Coletor não me quis pagar a percentagem, alegando falsos pretextos de despesas de livros e cadernetas que eu ainda tinha a pagar. Forte fatalidade para mim!! Cada vez fico mais crente que o verdadeiro homem de bem é como o bom diamante, que é difícilimo ser encontrado!...*

Nos apontamentos que se sucedem registrados no seu diário percebe-se que a honestidade o faz ser afastado das eleições levando a ser indiciado como responsável por situações comprometedoras durante as eleições de 1869.

*No dia 9 do corrente fui avisado que o delegado de Polícia Dr. Teixeira pretendia formar-me processo sobre duas armas da Polícia que haviam sumido= 2 Clavinotes= para assim arredar-me das Eleições de janeiro de 1869. Ora, como eu possa ser responsável por armas que outros assumiram, tendo eu largado a Delegacia em Maio e conservar armas guardadas até novembro? E havendo ocorrido outros Delegados posteriormente. Fatalismo!!!<sup>31</sup>*

---

<sup>29</sup> ICMCN- Diário do Mestre Lucas Chaves, p.108.

<sup>30</sup> FONTANA.2004

<sup>31</sup> ICMCN- Diário do Mestre Lucas Chaves, p.153 v.

Desempregado, afastado do Serviço Público, Antônio Lucas Chaves continua a desfiar nesse período, inúmeros pedidos de ajuda, recorrendo à rede de compadrio que esforçara por tecer durante a sua vida, inclusive à mãe do Barão de Pitangui. Não obtendo êxito, registra em seu diário, o fatalismo, exclamado que ‘uns nascem com boa estrela, outros em má’. Neste trecho, ele escreve a respeito da fatalidade que acompanha a sua vida, amargurado, pois aconteceu para outro a nomeação para um cargo de escrivão que ele pretendia.

*No dia 22.12.1868 fui às 8 horas da noite pedir à Comadre D. Possidônia, para escrever a seu filho, o Barão de Pitangui, para que me obtenha o lugar de agente de Armazém da Companhia União Férrea desta Cidade que está a vagar pela demissão do atual. A carta foi no dia 24 do corrente. (Forte fatalismo de que se pertende!!!! Uns nascem com boa estrela, outros em má! <sup>32</sup>*

Segundo Emília Viotti Costa, o partido conservador e o liberal recorriam a todo tipo de manobras. ‘Na época de eleições, os gabinetes demitiam funcionários, criavam distritos eleitorais, ou seja, paróquias onde tinham amigos e aboliam os controlados pelos seus adversários. Perseguiam os que votavam na oposição, ameaçando-os com o recrutamento, enquanto recompensavam os aliados com empregos, promoções e sinecuras. As urnas eram roubadas e reapareciam recheadas com um número maior de votos do que se podia esperar dos eleitores registrados’.<sup>33</sup>

*No dia 10.01.69 deu-se principio a fatura das listas=Cédulas para a Eleição de Eleitores no dia 31 do corrente. Esta eleição tem de ser muito disputada. Preparou-se duzentas cédulas com bem dificuldade por se achar as meninas fora de casa em Companhia de Maria. No dia 31 de janeiro de 1869 houve Eleição para 24 eleitores, apresentaram-se 744 Cédulas e os 24 Eleitores Liberais obtiveram cada um para mais de 490 votos os mais votados e nada menos de 400: os suplentes mais votados foram de 250 a mais. Esta Eleição foi a mais disputada que tem havido. Os Governistas (saquaremas) puseram em plano as mais sinistras intenções; porém não puseram em prática tantas promessas, as mais aterradoras; por pouco que não puseram em prática. Porém,*

---

<sup>32</sup> ICMCN- Diário do Mestre Lucas Chaves, p.154.

<sup>33</sup> COSTA, 1999, p.161.

*teriam que arrependem-se deixando para o futuro a memória mais vergonhosa para os Conservadores sanguinários e infames!!!!*<sup>34</sup>

Este desabafo do Mestre Lucas Chaves bem caracteriza o “ar de família” de que falava Martinho Campos. A semelhança entre os dois partidos, o Conservador e o Liberal, era produto da semelhança de suas bases sociais. No passado alguns historiadores identificaram o Partido Liberal com grupos urbanos e o Partido Conservador com os fazendeiros e outros também que consideravam os homens de negócios e os burocratas ligados aos conservadores e os liberais com aqueles ligados com a agricultura.

Logo, essas assertivas foram sendo corroboradas e mais recentemente José Murilo de Carvalho (1974) concluiu que, tanto em um como noutro partido, havia interesses agrários. E que comerciantes e burocratas encontravam-se em maior número no partido conservador e profissionais liberais no partido liberal.<sup>35</sup>

Chegamos ao final deste artigo concluindo que a função hegemônica do liberalismo acabou sendo desempenhada pela ética da patronagem, ao se estabelecer relações verticais definidas em termos de favores recíprocos entre indivíduos das classes dominantes e os das classes subalternas.

A patronagem ocultou tensões entre raças e entre classes, com exceção entre senhores e escravos. Através dela, indivíduos de talento, pertencentes às classes subalternas, eram cooptados pelas elites, fazendo jus ao ditado “Quem não tem padrinho, morre pagão”.

Mesmo tendo formado uma excelente rede de apadrinhamento, no final da vida Mestre Antônio Lucas Chaves se achava só e desvalido e para ele o bando de conservadores eram ‘sanguinários e infames’ e ‘teriam que se arrependem deixando para o futuro a memória mais vergonhosa para os Conservadores’.<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup> ICMCN- Diário do Mestre Lucas Chaves, p.154 v.

<sup>35</sup> CARVALHO, 1974, p.34.

<sup>36</sup> ICMCN- Diário do Mestre Lucas Chaves, p.154 v.

## REFERÊNCIAS

### Documentais:

Anais do Museu Paulista, no.18, SP, 1964.

Diário do Mestre Lucas Chaves in Manuscrito: Curiosidades-1823, p. 49, Instituto Cultural Maria de Castro Nogueira-Itaúna –MG

Museu Regional de São João Del Rei - Marcelina Angélica de PADILHA (testador)-1829/30- BARRETO, José Simpliciano de Souza (testamenteiro). Informatização Livros de Testamento-Testador/Capela.

### Bibliográficas

ANDRADA, Antônio Carlos Doorgal de. A imigração Italiana em Barbacena-1888-1898-, Bar Gráfica e editora Cidade de Barbacena 2006.

ANTUNES, Álvaro de Araújo- O espelho de cem faces: o universo relacional de um advogado setecentista.. São Paulo: Annablume: PPGH. UFMG. 2004

BAQUERO, M. Democracia, cultura e comportamento eleitoral: uma análise da situação brasileira. Paper apresentado no Seminário: Democracia: teoria e prática. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 20-22 de setembro de 2001. [ [Links](#) ].

BORBA, Julian. Cultura política, ideologia e comportamento eleitoral: alguns apontamentos teóricos sobre o caso brasileiro. In Opinião Pública, vol.11 no.1 Campinas Mar. 2005.

CARVALHO, José Murilo. A composição social dos partidos políticos imperiais. Cadernos do Departamento de Ciências Públicas da universidade de Minas Gerais, v. 2, p.1-34, dez.1974.

COSTA, Emília Viotti. Da Monarquia à República. Momentos Decisivos.7ª. Ed. SP. UNESP,1999.

COSTA, Emília Viotti. 1964, in Anais do Museu Paulista, SP, no. 18

DEBRUN, M.- A ocultação ideológica: da "ideologia primária" à "ideologia secundária". In: DASCAL, M. *Conhecimento, linguagem, ideologia*. São Paulo: Perspectiva; EDUSP, 1989.

FONTANA, Joseph. A história dos Homens. Bauru:SP. EDUSP.2004.

JAVARI, Barão. Organizações e Programas Ministeriais. 2ª. Ed. RJ. 1962.

LAMARTINE, Alphonse Marie Louis Prat de. Histoire des Girondins. Bruxeles.1851.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Culturas Políticas na História: novos Estudos. Argvmentvm. FH.2000

MOURÃO, Maria da Graça Menezes- O Conselheiro Antônio José de Carvalho Chaves e seu filho Antônio Lucas Chaves- Revista da ASBRAP-nº-14-2008.

ROIZ, Diogo da Silva. Entre a "cultura histórica" e a "cultura política": os ingredientes necessários para a renovação da "historiografia" e do "ensino de história". Rev. Bras. Educ. vol.13 no.39 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2008

RENNÓ, L. Teoria da cultura política: vícios e virtudes. *BIB*, Rio de Janeiro, n. 45, p. 71-92, 1. semestre de 1998.

VENÂNCIO, Renato Pinto e alt. O Compadre Governador: redes de compadrio em Vila Rica de fins do século XVIII. Rev. Bras. Hist. vol.26 no.52.SP. Dez.2006.